

OS GRUPOS ESCOLARES

MEMÓRIAS,
TRAJETÓRIAS E CULTURAS

JOSÉ EDIMAR DE SOUZA
(ORG.)



FAPERGS

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul



CNPq

OS GRUPOS ESCOLARES

MEMÓRIAS,
TRAJETÓRIAS E CULTURAS

José Edimar de Souza
(Org.)

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Juan Drogueit
Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Thelma Lessa
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2023 José Edimar de Souza

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G935

Os grupos escolares : memórias, trajetórias e culturas / organização José Edimar de Souza. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2023.

148 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-462-2573-6

1. Educação - Brasil - História. 2. Escolas - Brasil - História. 3. Escolas - Aspectos culturais - Brasil. 4. Prática de ensino. I. Souza, José Edimar de.

23-87380

CDD: 370.71
CDU: 37(09)(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

4. DA ESCOLINHA RURAL ISOLADA AO GRUPO ESCOLAR: MEMÓRIAS, ESCRITAS E IMAGENS

Zita Rosane Possamai

Palavras iniciais

Este escrito partiu de um convite ao lembrar. Para tecer essas linhas, retomo um excerto do memorial apresentado para o Concurso para Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escrito no segundo semestre de 2022 (Possamai, 2022, p. 4):

Esse momento de olhar para trás e apreciar os percursos percorridos reveste-se de emoção impossível de descrever, pois são indizíveis as alegrias, as tristezas, as inseguranças, as incertezas, as decepções e tudo o mais que compõe um viver pleno de afetos.

Esse ato exige vontade e esforço, pois “memória é trabalho”, ensinou Ecléa Bosi no seu clássico “Memória de Velhos” (Bosi, 1987). Certamente, as reminiscências aqui contidas são fruto de seleção vagarosa, porque é característica da memória social ser seletiva (Halbwachs, 1990), repleta de esquecimentos e evocações orientadas por minha subjetividade, por meus afetos e pelas impressões do ocorrido (Benjamin, 1993), que permaneceram comigo por muitos anos, sem que eu saiba explicar o porquê. Por outro lado, esse duplo movimento de lembrar e escrever captura as reminiscências do mero apelo nostálgico e transforma o vivido em laboratório de reflexão, de entendimento, de aprendizados sobre quem fomos e quem nos tornamos (Arenhaldt, 2010).

Se a memória refere-se aos recônditos íntimos das pessoas, por outro lado, nessa partilha, é inevitável o olhar e a escrita de uma histo-

riadora também preocupada com o legado inevitável de um registro no tempo: modesto; localizado espacialmente em meio rural e na periferia urbana; de uma menina nascida no encontro entre descendentes de italianos, portugueses e indígenas (talvez); de uma adolescente e jovem pertencente às camadas operárias e que se tornou professora de uma universidade pública federal. Mesmo que, neste caso particular, não se imponha o imperativo categórico, *o dever de lembrar* (Gagnebin, 2009; Ricoeur, 2001), a exemplo das atrocidades humanas, como a Shoah, a escravização e o genocídio indígena e africano, o particular aqui recordado e relatado alimenta-se de um *desejo de memória*, moléstia que acomete os mais velhos, certamente, mas também os profissionais da História e da Museologia, em especial, sempre atentos para os traços que ficarão para as próximas gerações do tempo presente. Por isso, de algum modo, temos a arrogância de que nossas memórias venham a compor os fios de renda das histórias, a partir do lembrado e, diga-se de passagem, raramente escrito por gente humilde que habita o meio rural e as zonas periféricas das grandes cidades.

Da escolinha rural ao Grupo Escolar

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

(Ou isto ou aquilo, Cecília Meirelles)

Na escavação de minhas reminiscências escolares, reencontrei-me com esse poema de Cecília Meirelles, lido por uma professora em uma hora cívica, do Grupo Escolar Rodrigues Alves, localizado em Cachoeirinha, cerca de 15 quilômetros de Porto Alegre. Não foi de todo mal, então, essa prática autoritária imposta pelo regime ditatorial (1964-1985). Certamente, mestres e mestras, diretores e alunado souberam fazer deste, aparentemente enfadonho, um momento de descobertas e aprendizados. Eu certamente o fiz, pois o poema permanece comigo ainda hoje.

No meu itinerário de estudante, passei por algumas escolas até chegar ao grupo escolar. A cada mudança de residência de minha família, era inevitável também a troca de escola. Esse movimento, algumas vezes, gerou sofrimento; em outras, estranhamento e curiosidade com as novidades a serem vividas.

Os primeiros andares necessariamente passam pela pequena escola rural isolada e multisseriada, localizada no lugarejo denominado Morro do Cipó, no interior de Sombrio, Santa Catarina. Era, então, fevereiro de 1973 e eu ainda não completara 7 anos. Eu trilhava com outras crianças o caminho de chão batido, de minha casa até o pequeno edifício destinado a nos acolher. Adulta, ao percorrer esse trajeto de aproximadamente um quilômetro e meio, considerei bastante longo para uma criança naquela idade, mas não recorro de cansaço ou desconforto para lá chegar. A professora se chamava Maria, segundo as lembranças de minha mãe, e morava em frente à escola. Ali, durante pouco mais de um mês dei continuidade às primeiras letras, que já havia começado a aprender em casa com minha mãe. Felizmente, não tenho recordações desse momento, mas minha progenitora sempre me contou que me obrigava a estudar com uma “varinha” ao lado, pois eu, como qualquer criança, preferia brincar. Na escolinha, a sala de aula tinha crianças de diversas idades e níveis de escolarização. Eu estava entre os menores e me sentava num grupo à frente e à esquerda da sala, próxima ao quadro verde, onde ia escrever alguma letra, a pedido da professora. Desses dias, lembro-me de uma situação bastante curiosa: a professora tinha em sua mesa uma grande concha do mar e o aluno ou aluna que desejasse ir à patente (sim, estou me referindo a uma casinha de madeira, utilizada para as necessidades fisiológicas em meio rural sem rede de esgoto), devia levar consigo a tal concha. Provavelmente, essa fora a forma encontrada pela mestra para controlar o vai e vem de seu alunado. Recordo o prazer de escutar o barulho das ondas do mar, ao colocar a tal concha no ouvido, nesses instantes de completa solitude. Talvez, por esse motivo, sempre tenha amado tanto o mar e o barulho de suas ondas.

No mês seguinte, já estava no Rio Grande do Sul, para onde meus pais agricultores decidiram se mudar para tentar uma vida melhor. No município de Cachoeirinha, na região metropolitana da capital, logo entrei na 1ª série, na Escola de Primeiro Grau Costa e Silva, cujas atividades iniciara em 8 de março de 1971. Ainda hoje

a escola é denominada carinhosamente por *Costa*, apesar deste ser o nome de um dos ditadores que governava o país naquele período e ter instituído o Ato Institucional número 5 (vulgo AI 5), responsável pela perseguição, prisão, tortura e desaparecimento de inúmeros oponentes da Ditadura Civil-Militar vigente. Eu não sabia de nada disso e levei alguns anos para conhecer esse período sombrio da história brasileira e estar ao lado de todos os que lutaram por Diretas Já, nos idos 1984. Mas essa é outra história, vamos com calma.

No *Costa*, finalizei minha alfabetização com o acompanhamento da Professora Ana Fogaça, de quem recorro à paciência, a alegria e o carinho dedicados a ensinar a ler e a escrever. Ao finalizar o ano, ela presenteou cada criança com um livro; o meu chamava-se *O Circo* e tinha a capa vermelha, de onde sobressaíam as rodinhas de plástico em cor amarela do veículo/jaula onde se encontravam um leão e outros bichos. Esse foi meu primeiro livro. Recentemente a reencontrei na rede social Facebook e contei a ela uma reminiscência desta aluna mal agradecida: naquela ocasião de encerramento do ano letivo, a professora me perguntou com quem eu havia aprendido a ler. Não titubeei e respondi: “— com minha mãe!” Rimos juntas; eu ainda envergonhada pela falta de gratidão infantil; Ana tranquilamente, me disse: “— o mérito foi das duas!”. A escola era pequena, com apenas dois pavilhões, salas de aula ladeadas com uma ampla varanda que davam para um pátio. Ao final da varanda, ficava a cozinha, onde fazíamos as refeições. Lembro-me de não gostar do cheiro de certo mingau, que, depois de adulta, descobri ser de aveia. Ora, aveia é um alimento nutritivo e adequado como merenda escolar. Ainda hoje é um odor que, como a *madeleine* de Proust, me faz evocar as recordações desse tempo.

Na 2ª série, mais uma vez meus pais resolveram se mudar para outro bairro e, novamente, precisei mudar de escola. Desta vez, fui estudar no Grupo Escolar Guimarães Rosa, localizado na Vila Parque Brasília, a poucos quilômetros do *Costa*. Esta era uma escola maior, na minha visão, com um grande pátio em forma de quadrado na sua entrada e com pavilhões também mais extensos. Dessa escola, não me

lembro das salas de aula ou de qualquer espaço interno, apenas do pátio e de alguns momentos que ficamos em fila antes de entrar para as aulas. Ali fiquei até a 3ª série, quando tive novamente que me mudar. Recordo de um incidente que me fez sofrer muito nessa transição. Ao sair da casa alugada que morávamos, situada quase ao lado da escola, escrevi na parede de madeira sobre estar gostando de um menino; a menina filha dos locatários encontrou meu escrito e espalhou para toda a turma meu enamoramento, fato que me causou grande constrangimento. Por esse motivo, não via a hora de terminar o ano e sair dali.

Contudo, foi nessa escola que fui fotografada em ambiente escolar e pude guardar essa bela recordação visual, comum a muitas crianças que viveram a infância escolar no período da Ditadura Civil-Militar brasileira. Nesta imagem (Figura 1) sob formato de monóculo, estou vestida de guarda-pó branco, sentada diante de uma mesa, onde estão posicionados um globo terrestre e livros empilhados. A bandeira brasileira ao fundo completa o cenário de uma educação desejada e divulgada pelo regime. Essa imagem compõe a iconosfera escolar do regime militar brasileiro, ao lado das imagens fotográficas das paradas cívico-militares. Embora tenha pesquisado fotografias escolares, nunca pensei muito sobre essas imagens em específico, mas esse escrito memorialístico me fez indagar se os fotógrafos eram também oficiais. Penso isso, pois foi definido com muito cuidado um protocolo cenográfico, no qual estudantes foram inseridos para posar, para a criação de uma memória visual escolar ou uma memória fotográfica escolar dos anos 1970, de modo a dar a ver a educação desejada naquele contexto.



Figura 1. Fotografia autora no Primeiro Grau, então com 8 anos, Grupo Escolar Guimarães Rosa, Cachoeirinha/RS

Fonte: Acervo da autora (1974).

Terminado o ano, meus pais se mudaram novamente, desta vez para uma casa própria, na qual permanecemos muitos anos. Assim, fui matriculada no Grupo Escolar Rodrigues Alves, onde cursei desde a 3ª série até completar o 2º grau. Foram muitos anos e muitas vivências, relacionadas ao meu desenvolvimento e também às mudanças que indicavam a entrada na puberdade e na adolescência.

Sem dúvidas, foi a escola com mais amplo espaço que eu frequentara. Um longo muro ladeava um pátio retangular, que servia de estar nos recreios e de quadra esportiva para as práticas de educação física. A partir dessa área aberta, onde também eram organizadas as filas das turmas quando soava a sineta, se alcançava um extenso corredor por onde se distribuíam as salas de aula, cujas entradas formavam um aprazível hall descoberto, tendo ao centro do edifício, as salas da direção, da secretaria e da biblioteca. Na continuidade desse passadiço, à direita, alcançava-se os sanitários e, na sequência, a quadra descoberta de handebol, posteriormente transformada em amplo ginásio coberto.

À esquerda, chegava-se a um saguão coberto em forma de quadrado, onde ocorriam eventos, cerimônias e festas. Desse hall, à esquerda, seguia um segundo pavilhão com varanda e salas de aula, além dos sanitários. À direita, descendo as escadas, mais um pavilhão com salas de aula e varanda. Em frente ao portão de entrada, no primeiro pavilhão, ficava a cantina, local de aglomeração na hora do recreio. Nesses espaços, vivi a maior parte de minha vida escolar; fiz muitas amizades; aprendi com professores e professoras; fiz minhas traquinagens, como qualquer criança, e minhas descobertas como jovem.

Aluna nova em escola nova, primeira coisa que tentei foi mudar meu nome. Sim, não gostava do meu primeiro nome, devido ao estranhamento que causava nas pessoas (“mas é teu nome ou apelido?”, pergunta inevitável). Para evitar essa chatice, tentei a cada nova amizade, me apresentar como Rosane e logo conheci uma xará, Hélia Rosane, que também odiava seu primeiro nome. Mas a ela chamávamos todos de Rosane e eu segui sendo Zita. Paciência. Hoje, considero muito engraçada essa birra com meu nome, que passei a gostar muito na vida adulta, apesar daquela perguntinha ainda me acompanhar em muitas ocasiões.

Várias das amizades que fiz, desde a chegada na escola, seguiram comigo nos anos subsequentes: Mara Pizzoni, que sempre passava na minha casa para irmos juntas à escola; Margarete e André, que eram namorados; Claudia, que todo ano comemorava seu aniversário numa reunião dançante esperada por todos; Zilmar a quem eu dava aulas particulares no contraturno em troca de maçã ou bolo inglês; Lisiane, cuja mãe era bomboniere do Cinema Cacique, localizado na Rua da Praia em Porto Alegre, e nos presenteou com entradas gratuitas para ver o filme *Grease, no tempo da brilhantina*, estrelado por John Travolta e Olivia Newton John; Carlos, o Bola; Jane, Rogério, Ricardo e Nelson, do time misto de Voleibol; Raquel, sempre maquiada; Rogério Callegary, cujo pai era dono de uma ferragem; Jane, cujo pai era dono da Fotografia Adamatti; Rosemary; Rose, minha

conterrânea; Raimundo, de descendência japonesa; Paulo Roberto da Silva, meu vizinho; Mari e tantos outros (Figura 2).



Figura 2. No alto, solenidade de formatura do ensino médio do Grupo Escolar Rodrigues Alves, onde a autora recebe o diploma do professor Gil Coelho. Abaixo colegas do 1º grau por ocasião da missa de formatura do 1º grau

Fonte: Acervo da autora (1983).

Dos primeiros anos nesta escola, lembro-me da querida professora Lourdes Foppa da 4ª série; de alguns abusos sofridos pelos corredores com os meninos de mãos levadas; do torneio em que participaria como atleta na Escola Técnica Agrícola, em Viamão, e onde tive meu primeiro entorse de tornozelo que me deixou fora da competição; dos professores de Educação Física Nei e João Carlos; do professor de Biologia que a turma infernizou tanto que ele precisou chamar a direção, que nos suspendeu por três dias (lembro como eu chorava por isso ter acontecido); do famigerado professor Hilário, substituto dos faltosos que sempre nos presenteava com balas *Toffee* a cada acerto do seu vocabulário literário; da professora Ingrid de Moral e Cívica que me fez escrever no quadro um texto sobre a “Revolução de 1964”; dos professores de História, de Matemática, de Física; do professor de desenho e artes, arquiteto Tarso.

No Rodrigues, assim chamávamos com carinho a escola, tinha uma biblioteca e eu adorava passar por lá para ficar consultando os livros e para levar alguns para leitura em casa. Li todos os números disponíveis da série *Para Gostar de Ler* e delicieei-me com os mestres da crônica brasileira: Rubem Braga, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade, entre outros. Anos depois, descobri com tristeza que ainda havia mais edições que a minha escola não tivera acesso. Os volumes da série *Biblioteca das Moças* também foram por mim devorados. Relembro o espanto de saber que em *A pupila do Senhor Reitor*, o tutor da jovem lia os romances antes dela para verificar se eram adequados a sua idade. Em minha casa, meus pais que mal haviam finalizado o ensino primário, não nutriam essa preocupação, certamente porque sua luta pela sobrevivência era mais urgente e também porque desconheciam certos perigos que os livros podiam conter, embora minha mãe tenha adquirido algumas enciclopédias de capa vermelha dos vendedores ambulantes que passaram pela nossa casa. Nas bibliotecas das escolas públicas estaduais o bibliotecário é profissional raro; em geral, uma professora fica como

responsável pela organização e empréstimos dos livros. Eu era assídua frequentadora com alguns colegas. Certa vez, a professora Isabel nos convidou para ajudá-la no inventário, tarefa à qual nos dedicamos com afinco, numa exemplar matação de aula. Não sei como descobriam, mas logo a direção suspendeu nossas atividades e nos fez voltar, resignados, para a sala de aula.

Também recorro com alegria as campanhas anuais de arrecadação de fundos para a construção de um ginásio para a escola. Essas gincanas eram muito divertidas, pois saíamos em grupo pelas ruas do bairro, batendo de casa em casa em busca de doações de garrafas e tijolos. Minha turma venceu mais de uma vez essas gincanas e o prêmio recebido era um passeio às cidades de Gramado e Canela. O padre Poletto da Igreja Matriz, também professor da escola, aproveitava os resultados quantitativos de garrafas arrecadadas para fazer um sermão na missa dominical sobre o alcoolismo nas famílias. Entretanto, deste episódio, uma das impressões mais nítidas que guardo foi o espírito de cooperação em prol das melhorias do espaço físico da escola. Recordo que não apenas estudantes eram envolvidos, mas também as famílias em projetos de arrecadação de fundos, que, provavelmente, o mantenedor estadual não supria.

Além das deficiências na infraestrutura do grupo escolar, mais dois aspectos mesclam minhas memórias a um olhar crítico do presente. Um deles, era imbricação com a igreja católica da escola pública mantida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, pois encontrava na missa dominical o mesmo padre que dava aulas da matéria de religião na escola, cujo conteúdo era etiqueta social, na qual usava um livro-guia cuja capa tinha a cor lilás. Lembro também de um aluno que circulava pelos corredores na hora da aula de religião, certamente por não ser adepto do credo católico da maioria do alunado. Outro, eram as práticas impostas pela Ditadura, tais como as horas cívicas diárias antes das aulas, da qual lembro da leitura do poema *A mão e a luva* de Cecília Meireles, antes mencionado. Mas

ruim mesmo era ter que ensaiar a marcha nas ruas, durante semanas, para os desfiles da Semana da Pátria. Desajeitada, era sempre a que errava o passo, estragando a harmonia da fileira. Hoje, fico feliz de ser a que destoava, mesmo sem querer, desta prática autoritária imposta aos escolares e que ainda vigora em alguns contextos municipais.

Ensino médio nos loucos anos 1980

I've paid my dues
Time after time
I've done my sentence
But committed no crime
And bad mistakes
I've made a few I've had my share of sand kicked in my face
But I've come through (And I mean to go on and on and on)
We are the champions, my friends
And we'll keep on fighting 'till the end
We are the champions
We are the champions
No time for losers
'Cause we are the champions
Of the world
I've taken my bows
And my curtain calls
You brought me fame and fortune and everything that
goes with it I thank you all
But it's been no bed of roses
No pleasure cruise
I consider it a challenge before the whole human race
And I ain't gonna lose, ah (And I mean to go on and on
and on)
We are the champions, my friends
And we'll keep on fighting 'till the end
We are the champions

We are the champions
No time for losers
'Cause we are the champions
Of the world We are the champions, my friends
And we'll keep on fighting 'till the end
We are the champions
We are the champions
No time for losers
'Cause we are the champions"
(Freddy Mercury)

Era o início dos anos 1980 e a banda *The Queen* disparava nas paradas da Rádio Continental. A melodia cantada por Fred Mercury tinha sido a escolha de meu grupo para apresentar uma coreografia no final de ano da escola. Eu, pra variar, não acertava os passos e levava bronca das colegas. Saía do ensino fundamental, estava na 8ª série e ali se encerrava um ciclo.

No ensino médio, como muitos outros colegas, ingressei no mercado de trabalho e estudava no período noturno. Comecei a trabalhar com 15 anos, numa loja denominada Fundilho Moda Atual, denominação inspirada na porto-alegrense Saco & Cuecão. Ali não consegui ficar muito tempo. Em seguida, fiz estágio em uma fábrica denominada Racine Hidráulica S/A (posteriormente Dana S/A), localizada no Distrito Industrial de Cachoeirinha e vivenciei a primeira greve dos metalúrgicos, nos anos 1980, ocaso do regime ditatorial, quando o movimento sindical se fortalecia, principalmente neste segmento ao qual Luiz Inácio Lula da Silva pertencia, e o Partido dos Trabalhadores surgia. Eu era, então, uma menina ingênua politicamente e seguia as ideias dos afetos mais próximos. Embora em dúvida sobre qual atitude tomar, furei o piquete da greve com minhas colegas estagiárias, mesmo com uma grevista clamando: "Gurias, vocês não precisam entrar." Hoje, essas memórias parecem inacreditáveis diante da pessoa que me tornei, posicionada política-

mente à esquerda e comprometida com os movimentos sociais, e me fazem pensar como nos transformamos ao longo dos anos.

Também na escola fui cooptada pela então diretora do Rodrigues para votar na Arena, o partido dos militares que estava no poder desde 1964 e responsável pelas prisões, perseguições, torturas, assassinatos e desaparecimentos de muitas pessoas que reagiram ao golpe que depôs o Presidente João Goulart. “Por que não dar mais uma chance?”, dizia ela, enquanto minha professora de História Isabel Almeida, que anos depois se tornou minha colega de profissão e militância, implorava: “Todos, menos o número Um (número da Arena nas eleições para governador de 1982).”

O ensino médio foi um período de muitas descobertas, no qual eu abandonava a infância para entrar no mundo adulto, com as responsabilidades que cabiam a uma jovem de família operária (Weber, 2004) que necessitava buscar trabalho para ajudar em casa. Na ocasião, não tinha conhecimento que era vítima da Reforma MEC-Usaid, que instituiu a Lei 5692/1972 e implementou o denominado Ensino Profissionalizante destinado a inserir as camadas pobres no mercado de trabalho, enquanto as escolas privadas continuavam a preparar as camadas médias e superiores para a entrada na cobiçada universidade pública federal, destinada a poucos e privilegiados, naquela época.

Nessa lógica, em meu ensino médio estudei aspectos rudimentares de administração, contabilidade, processamento de dados, psicologia além de História, Língua Portuguesa e Literatura. Dessa época, não lembro muito de aulas de matemática, química, física, geografia, biologia, ou seja, quase tudo que eu ia precisar para prestar com sucesso o vestibular. Assim, fiquei três anos aprendendo conteúdos que teriam muito pouca aplicação nos rumos do meu futuro. Obviamente, nesta época, não tinha noção dos delineamentos políticos projetados na formação dos jovens. Somente nas disciplinas da Faculdade de Educação, no curso de História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, compreendi que eu fora objeto de um experimento educacional desti-

nado às camadas populares, que ainda se mantém vigente no Brasil e nesta escola que cursei meu ensino médio. É sabido que há décadas, no Brasil, o ensino de nível médio é objeto de debates nas políticas educacionais, enquanto se mantem a dicotomia entre preparo para o mercado de trabalho para os pobres e preparo para os estudos superiores para as camadas médias e abastadas. Por incrível que pareça, esse debate ainda perdura e, recentemente (2008), foi implantado de modo autoritário pelo governo golpista de Michel Temer um “Novo Ensino Médio”, cuja revogação integral é demandada por alguns setores da educação. Não gostaria de entrar nesse debate, por não ser meu foco de estudos, mas este é um assunto que muito me sensibiliza em razão de minha história de vida e da preocupação com a formação dos jovens pobres das periferias urbanas. Recordo quando meu filho entrou no 1º ano do ensino médio e seus mestres e mestras passaram a abordar em aula, quase diariamente, sobre a opção para o vestibular e o quanto isso o angustiou até escolher um determinado curso. Na escola pública em que estudei, talvez em muitas, nunca se pronunciou os termos *universidade* ou *vestibular*. Nas escolas públicas que meus sobrinhos frequentam, no mesmo município de Cachoeirinha, a universidade continua a não ser opção para os jovens periféricos e essa possibilidade “não faz brilhar os olhos”, conforme me disse meu sobrinho Eduardo, que, ao finalizar o ensino médio, não quis ir para a universidade. O cenário mudou muito com a aprovação e implantação de Ações Afirmativas nas universidades públicas brasileiras, mas as escolas públicas continuam a não considerar ser esta uma opção para eles, infelizmente.

Assim, os conteúdos não aprendidos, como se pode imaginar, precisei buscar em ensino privado pré-vestibular para poder alcançar alguma chance de entrar na UFRGS, a opção de universidade pública mais próxima. Mas algo levei da escola e do grupo escolar. Felizmente, o gosto pela leitura foi cultivado em todos esses anos. Esta foi uma prática que se tornou hábito na minha vida, desde o primeiro livro, e que a biblioteca do Rodrigues, apesar de sua preca-

riedade, certamente, contribuiu muito para manter. Talvez, por esse motivo, tenha um carinho muito especial por bibliotecas públicas e comunitárias, a exemplo de algumas localizadas em bairros periféricos de Porto Alegre, por proporcionarem acesso aos livros aos mais pobres. Certamente, essa prática mantida durante todo o ensino escolar capacitou-me a uma boa escrita, condição *sine qua non* para vencer a prova de redação para ingresso universitário.

Contudo, a formação proporcionada ultrapassa os conteúdos ministrados. O curso noturno, por outro lado, reúne estudantes adultos, em sua maioria trabalhadores. Desse modo, o ensino vespertino do grupo escolar me inseriu no mundo dos jovens adultos e ali também foi o espaço para tratar de assuntos sensíveis, tais como sexualidade e uso de drogas, nas aulas de Psicologia da Professora Nilda, mas também nos corredores e na rua, antes de chegar à escola. Também pude usufruir de atividades extraclases, na idade das primeiras saídas para lazer, como ir na pizzaria com colegas. Graças ao empenho e à disponibilidade de alguns de nossos mestres, como o querido professor de literatura e ator Gil Coelho (Figura 2) fui ver o filme *Laranja Mecânica*, no Cinema Vogue, localizado na Avenida Independência, em Porto Alegre; com ele e também com o diretor e professor Renato e sua esposa, viajei com colegas em excursão até Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Vividos e memórias que me tornaram quem sou.

Escrever essas linhas e olhar novamente essas imagens, me suscitou curiosidade sobre esses colegas que comigo compartilharam esses momentos. Por onde andarão? Que fizeram de suas vidas? Continuaram a estudar ou seguiram trabalhando, sem atentar para a sua formação universitária? Se foram para a universidade, que cursos escolheram? Entre estudantes do Rodrigues, recordo apenas de dois colegas que também foram estudar na UFRGS, como eu. A alegria de recordar também reveste-se de alguma melancolia por constatar que a jovens das periferias urbanas, em pleno Brasil do século XXI, ainda é dificultada a formação de nível superior. Estamos

no caminho, mas precisamos acelerar o passo para a democratização do acesso e da permanência na universidade.

Referências

ARENHALDT, Rafael. Cevando o chimarrão: a escrita de memoriais formativos. *In*: ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (eds.). **Memórias e afetos na formação de professores**. Pelotas: Editora Universitária/ UFPel, 2010, p. 190-204.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: Quatrocentos/Editora da USP, 1987.

GAGNEBIN, Jean-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, SP: Vértice, 1990.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Historiadora, museóloga, educadora, militante**: itinerários de uma aprendiz. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Seuil, 2001.

WEBER, Regina. **Os rapazes da RS-030**: jovens metropolitanos nos anos 80. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.